

REPETIÇÃO E DIFERENÇA: UMA DUPLA FACE

"Ce quelque chose dont nous n'avons qu'une vague idée et que la langue recouvre du terme étranger et étrange d'"esthétique" est présent dans nos comportements de tous les jours".

A.J. Greimas, *De l'Imperfection*

O que pode o mar, como um sujeito que se define pelo seu fazer continuado e ininterrupto? O que pode o mar, a partir daquilo que lhe é inerente, próprio às suas qualidades que o caracterizam pelo que ele é, ao mesmo tempo pelo que faz outros ser? Por tal atuar qualificativo, o mar é tomado como um sujeito que age sobre outros sujeitos, um actante, no sentido em que esse termo é concebido pela teoria semiótica. No IV Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (1998), o conhecimento sensível, mais que racional, do mar, por uma menina de dois anos e meio em visita a uma instalação, foi o objeto de minha reflexão que se apoiava na relação entre experiência estética e cognição. Examinei, nesse projeto, como o conhecer pela vivência era estruturador de um saber as qualidades do mar, que permitiram que esse fosse reconhecido na sua simulação nas instalações de Fabrizio Plessi, realizada em São Paulo no ano 1998, entre 22 setembro e 25 outubro, no Sesc Pompéia.

Do seu reconhecimento é que o mar passou a agir como estimulador: primeiro, do espanto da criança de encontrá-lo em grandes caixotes e não na sua imensidão; segundo, do prazer que o reencontro proporcionava-lhe ao mesmo tempo em que a levava a refuncionalizá-lo, pois, ali, naquele contexto, o mar não servia para nenhum dos fins que ela conhecia, principalmente aquele maior de seu entusiasmo, ser as águas da alegria do banho salgado. No simulacro, o mar era exposto por seus caracteres vários para, sendo sentido por eles, ser desencadeador de uma relação intersubjetiva definidora da apreciação, mesmo as

qualidades do mar somente estando lá propostas numa simulação que fazia com que o mar existente fosse um mar construído pelas várias linguagens utilizadas na montagem do texto da instalação. Uma imagem de mar que, pressupondo a fé do leitor na sua realidade semiótica, tem a competência de guiar as ações daquele a quem ela é dirigida, de acionar e até alterar os estados passionais desse sujeito.

No fluxo e refluxo das águas, em sua sonoridade continuada, mas aritmica das quebradas das ondas, em seu borbulhar branco espumante, em suas tonalidades verde-azuladas-ocres, o mar é imensidão que se faz visível ao ser sentido visual, sonora, olfativa, gustativamente e com o corpo todo.

Na obra de John Burningham, *Ne te mouille pas les pieds Marcelle!*¹, o mar é figurativizado como o desencadeador do liberar a imaginação que salva uma garota da rotina desse semantizante. Tomamos esse texto da literatura infantil para animar nossa reflexão sobre o hábito nas relações dos sujeitos com o circundante, assumindo que o conhecido, aquilo que sabemos e a que nos habituamos com o seu processar, convive intrinsecamente com o surpreendente, o que faz com que o diferente e o repetido, presentes nas simples atividades do dia-a-dia, acabem gerando um peculiar relacionamento entre esses modos de existir e o sujeito. Essa situação, por sua vez, é desencadeadora de formas outras de fazer sentido. A possibilidade de alteridade existente na repetição é o centro desse estudo, e se objetiva examiná-la como elemento fugaz e efêmero de resignificação do vivido.

CAPA E CONTRACAPA, DOIS MODOS DE NARRAR

Tanto a capa e quanto a contracapa apresentam àquele que contempla o livro uma diagramação da narrativa. No lado da capa, um fundo cromático contrasta com o fundo branco, monocromático da cena da contracapa. Na capa, o tempo é o cair da tarde, com o sol já abaixado, quando uma menina vestida com as cores amarelo e laranja, as cores do sol, meia três quarto, põe a mão esquerda na espada, alocada no cinturão, e a direita no remo. Com os dois pés afastados, o remo e a espada rebatem o posicionar de suas pernas, mostrando a personagem como bem segura e estável na sua atuação no barco.

¹ O livro foi originalmente publicado em 1977, na Inglaterra, pela editora Jonathan Cape, sob o título *Come away from the water, Shirley*. A mudança do nome na versão francesa mostra uma adaptação do nome da personagem à realidade francesa, o que evidencia um claro propósito de criar um efeito de fazer parte deste contexto e não daquele do outro lado, ou seja, da ilha. Também o "Come away from the water" ordenado a Shirley no título original encontra-se bastante distanciado do "Ne te mouille pas les pieds, Marcelle!". A edição francesa é também de 1977. Com tradução de Catherine Deloraine, a obra foi publicada em Paris, pela Flammarion.

Ne te mouille pas les pieds

John Burningham Marcelle !

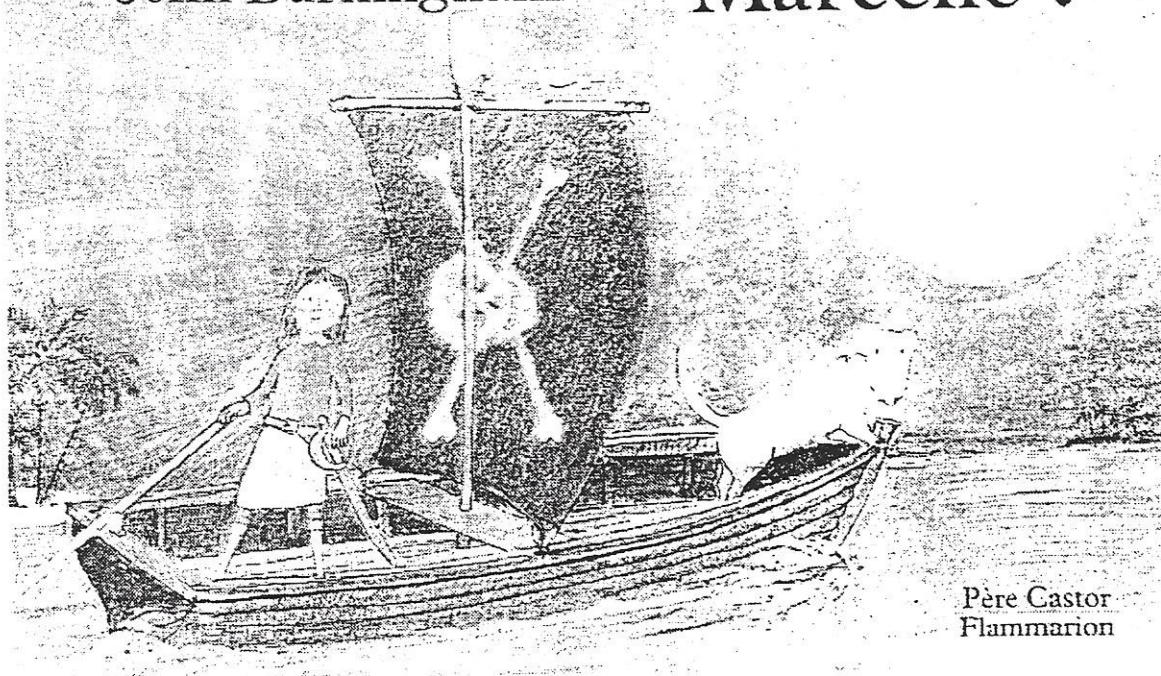


Figura 1 - A capa do livro *Ne te mouille pas les pieds, Marcelle!*

A bandeira, estirada como mastro, apresenta uma refuncionalização do seu uso primeiro. É uma bandeira acinzentada de cujo centro expande uma caveira, ou seja, a figurativização do perigo, da morte, que nos remete a uma bandeira de piratas. Ao aparecer usada como uma vela desse barco e não como a identificação de um território, de uma posse, ela tremula a derrota de um outro território que a estiava, talvez, uma outra embarcação, e anuncia assim uma posição de subjulgo desse outro à menina presente na imagem. Pode-se mesmo ver um riso irônico na caveira dessa bandeira, como se, ludicamente, as ações da história da menina e do cão pusessem uma pitada de dúvida na sua periculosidade. Pelo pássaro que está pousado no mastro, já se tem indicado que essa porção de água não dista muito da terra. Na frente do barco, um cão branco de rabo em pé tem as patas dianteiras sobre a borda da embarcação, enquanto as duas traseiras estão postadas no seu piso. As duas cabeças dos figurantes e seus olhos voltam-se frontalmente para quem toma o livro nas mãos. Mais ainda, ambos não querem não ser vistos, pois, ao direcionar sua visão aos olhos do leitor, o enunciatário instalado, eles o chamam para olhá-los e vê-los nesse atuar específico sobre as

águas, atuar que o desenho marca que eles atravessam em velocidade pela ênfase da impulsão das águas pelo barco. Da esquerda para a direita, a cena da capa é apresentada entre duas ilhas nas quais balançam coqueiros. Como o pássaro indicara, os conquistadores – menina, cão, pássaro – estão, no seu trânsito pelas águas do mar, perto da terra.

O nome do livro aparece distribuído em toda extensão superior. Numa linha, lê-se o imperativo negativo: *Ne te mouille pas les pieds* e, alinhado pela direita, o nome feminino *Marcelle!*, que é para quem a ordem é dirigida, ou seja, a nomeação da personagem da capa. A ordem é dada com veemência, o que é assinalado pelo ponto de exclamação. Tem-se pois a exclamação aspectualizando o dito ao mesmo tempo em que o dito coloca o relacionamento entre dois sujeitos: Marcelle e um certo alguém ausente, mais presente através de sua fala, que exerce sobre ela um poder que lhe permite dizer o que deve ou não deve fazer.

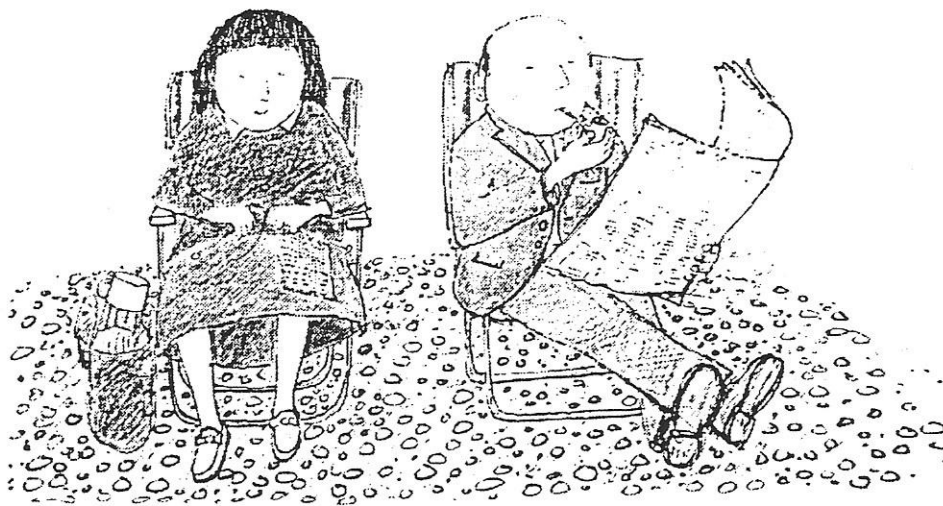


Figura 2 - A contracapa do livro *Ne te mouille pas les pieds, Marcelle!*

A contracapa é constituída por uma senhora que tricota e um senhor, que, com as pernas alongadas, os pés cruzados e fumando seu cachimbo, lê seu jornal. Sentados em duas cadeiras portáteis sobre os pedregulhos, desenhados por pequenos contornos circulares de nanquim, justapostos e frontais, eles estão isolados nas atividades que executam, do mesmo modo que se encontram as pedras. Próximo à cadeira da senhora, sobre os pedregulhos, há uma cesta, onde um novelo de linha está alocado junto da garrafa térmica. Tanto os corpos das duas personagens, entregues ao repouso no estarem sentados, como os olhos delas, voltados para o que cada uma faz, indicam uma outra ordem de atividade, atividade de outra natureza que a das ações das personagens da capa.

Formam, pois, no ir e vir do olhar de uma à outra, um contraste que leva o leitor a pensar que o livro vai tratar de duas narrativas distintas, uma narrativa de ação e outra uma narrativa de estado. O que mais reforça essa sugestão é a distinção dos procedimentos de criação de cada uma das duas imagens que é ressaltada pelo jogo entre figura e fundo. A imagem do fundo da capa é uma pintura com guache, na qual o nanquim é usado para marcar os contornos. Nessa criação de espaço, a cor tem autonomia e se faz ver no que produz. Sobre o fundo cor, é aplicado lápis de cor para traçar os raios do sol que atuam por todos os cantos. Ainda, esse linearismo é ampliado por meio de um rasurar a tinta do fundo, o que faz com que o adicionado ao papel seja, depois, dele subtraído, o que cria, à direita, um efeito de sentido de movimentação das águas do mar e do dinamismo do impacto de navegar em torno do corpo de Marcelle e da bandeira. Por sua vez, o colorido da bandeira, um cinza homogêneo, é feito com o uso de lápis de cor e fica contido na superfície delineada pelo contorno.

Como o cenário no qual a cena do casal se desenrola no interior do livro, a imagem do fundo da contracapa é toda em branco. Assim, a cena surge de um recorte no universo indiferenciado do branco, um não lugar ou, por sua constância nas páginas do interior dessa narrativa, todo e qualquer lugar. Essa construção do fundo concentra a atenção da história na figura. A linha que dá contorno às figuras é contínua, o que vai mantê-las fechadas nelas mesmas, sem produzir qualquer possibilidade de interpenetração delas com o fundo branco.

Na uniformidade e homogeneidade do cromatismo, tem-se o papel branco que pode aí indicar a cor do suporte da imagem, mas também o suporte das páginas do livro. Página-grafismo é, então, como a contracapa está proposta para ser vista, enquanto a capa é uma página-pintura que trata de criar um efeito de verossimilhança da história que é nessa contextualizada como uma parte do mundo natural, pelo menos nos moldes como esse é elaborado pelas imagens que circundam a criança. Afora isso, parece também haver um imbricamento dos procedimentos de criação dessa imagens, principalmente em seus enquadramentos, com os das imagens dos velhos filmes de pirata, mas tal abordagem exige uma outra direção de estudo, que não será a aqui seguida.

Refletindo sobre as ações da capa e da contracapa, tem-se que, na primeira, apresenta-se uma história de aventura passível de ter ocorrido no mundo em que vivemos. A verossimilhança advém das relações com o mundo da cultura em que nos inserimos e dos procedimentos pictóricos empregados para concretizar as imagens pintadas como parte desse mundo e, já, com uma memória nele, que vai ajudar a reforçar a sua existência; por sua vez, na segunda, há uma história construída por um sujeito através do desenho gráfico, talvez com muita proximidade ao grafismo das histórias em quadrinhos, mas que é retirada de qualquer contexto particularizante. O que disso resulta é que o leitor é forçado a ver esses desenhos sob uma ótica mais reflexiva, na medida em que eles não manipulam o leitor para entrar neles ou envolver-se no suspense que criam. Não, nada disso, eles chamam uma racionalidade para a leitura. Aparecendo como elaboração da linguagem gráfica tem-se à primeira vista que ela é mais abstrata, e, assim, menos verossímil e crível. Nesse aproximar-se e distanciar-se do mundo da criança, pelas habilidades de linguagem que ela domina ou não, quais sentidos mais complexos instauram-se nas narrativas? Faz todo esse jogo com as linguagens e suas referências parte de uma trama enunciativa na qual o leitor tem um papel a desempenhar pela leitura?

NO MAPA DO ONTEM, O CURSO DO PRESENTE

A abertura e o fechamento do livro são feitos por mapas predominantemente acinzentados, com pequenos detalhes num colorido suave, que não chega marcar grandes rupturas entre zonas de contraste.

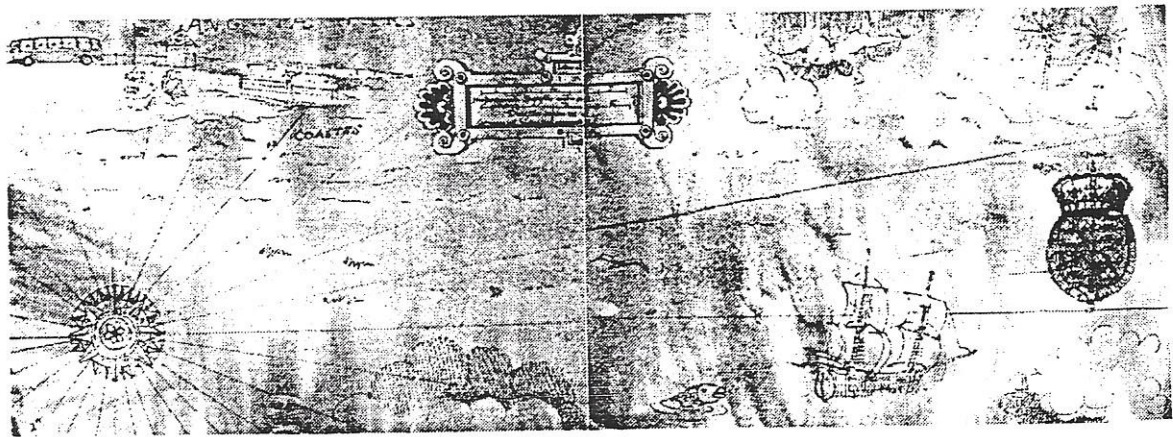


Figura 3 - A dupla página de abertura e de fechamento do livro.

No alto à esquerda, à beira das águas do mar, na praia, estão em cores pálidas o casal que apareceu na contracapa, também aí reaparecendo sentado nas cadeiras portáteis; um ônibus de um verde mais intenso que está estacionado; uma bandeira esvoaça só com os contornos de seu desenho; uma casa esboçada que está estacionado; uma bandeira esvoaça só com os contornos de seu desenho; uma casa esboçada deixa ler um escrito na sua frontalidade a palavra "ladies", que a identifica como um banheiro público; duas paralelas de cerca de madeira pintadas num verde bem claro são mostradas, dando profundidade aos elementos do cenário. Sobre a primeira cerca aparece um pássaro e, correndo na praia, um cão. Logo acima das construções, lê-se *Angliae Pars*, que referencializa em língua latina a costa marítima como sendo a anglica ou dos ingleses.

Causa estranheza que a menina Marcelle não apareça com as demais personagens no cenário da praia. Onde estaria Marcelle? Estaria ela olhando esse mapa? Seria possível ser a própria leitura do mapa efetuada por Marcelle o que se encontra visualizado nessa dupla página?

Embaixo, à esquerda, a rosa dos ventos indica o traçado das latitudes. As indicações de seus raios traçam linhas por toda a extensão da superfície; são ângulos nos quais são alocados os elementos que tomam parte da história. Afastando-se da costa, situado no alto, depois da praia, estando então já nas águas, está posicionada a legenda com a escala do mapa. Com as suas molduras florais, ela ultrapassa a página da esquerda para a da direita. Continuando no alto, há uma nuvem na qual repousa uma figura humana sem roupa, cuja cor do corpo é rósea, e que está deitada, soprando a nuvem branca no céu. Como último detalhe figurativo do alto, à direita, tem-se uma ilha com dois coqueiros e uma pá fincada no solo. Abaixo dessa imagem, bem no centro da verticalidade, há um brasão, em que as quatro subdivisões interiores repetem inversamente os quadros de folhas e os de animais, identificando-se com um emblema da coroa britânica. Na figuratividade dos ornamentos da coroa que ocupam a parte superior do emblema, a cristandade e a fé do reino estão marcadas pela cruz central no alto. Circundando os quadros, lê-se, à esquerda, TIOS INOH, a impressão invertida de HONI SOIT e, à direita, QUI MAL Y PENSE. Fórmula emblemática do reino britânico: HONI SOIT QUI MAL Y PENSE, figurava essa nos brasões como divisa. Na autoridade de sua ordem, numa tradução livre: "Condenado seja aquele que pensa mal da coroa do país da Anglia", está marcando no mapa a situação de absoluto controle dos mares por essa ilha que conseguiu uma supremacia com suas conquistas. Abaixo desse domínio absoluto da coroa, nas águas da parte inferior, da esquerda para a direita, tem-se nuvens, um peixe que salta, um navio que navega e, de novo, nuvens.

A alocação da rosa dos ventos estabeleceu uma orientação de leitura da página da esquerda para a direita, orientação essa correlata àquela do modo de leitura do verbal nas línguas ocidentais. Todavia, isso é somente à primeira vista pois não há uma seqüencialidade e nem uma linearidade nesse sentido da leitura. O modo de dar visibilidade aos elementos desconsiderou o lugar que ocupam no mundo natural, que dispõe numa outra topologia nuvens, barco, por exemplo. Na imagem, os elementos do céu e os da terra são

colocados no mesmo plano. Nessas imagens, eles convivem lado a lado, numa fusão de nuvens, mar, terra, figurantes (senhor e senhora, cão, pássaro, nu soprador), brasões, legendas, navio, rosa dos ventos e peixe. Pode-se pensar que essa perspectiva que os achata é a do ponto de vista de um narrador observador da história, que incrusta num velho mapa da era das navegações à vela, portanto do passado, atos do presente pelos quais ele quer levar o narratário. No nível da enunciação, esse narrador-observador e seu narratário representam metaforicamente o enunciador e o enunciatário inscritos nesse texto: o primeiro encaminha o segundo para acompanhá-lo pelo mapa antigo, um guia da navegação, isto é, conduz seu enunciatário a seguir com ele a história que é a desse livro.

FIM E COMEÇO DA NARRATIVA DA HEROÍNA

Uma página branca, à esquerda, cria uma pausa ou mesmo permite um respiro com todo um ganhar fôlego para, depois, a leitura da história poder começar (ou recomeçar?). É como se a história a ser narrada contasse com o descanso do leitor para ele a ler, o que seria uma condição de leitura. O respiro da página branca também parece ser o marco de separação do mundo em que se está inserido para uma entrada naquele mundo da leitura.

Encontra-se, na página da direita, uma nova apresentação da história da heroína. A diagramação do verbal é centralizada: na primeira linha, está a fala imperativa, que é o título do livro e, na segunda, o nome da personagem ocupa a parte central, o que é um exaltar do seu papel na história. O nome do autor aparece já integrado à parte visual, o que pode ser tomado como uma visualização do seu atuar como narrador onisciente que aglutina esse mundo da história da menina a um outro que sabemos da existência pela imagem do velho mapa na abertura.



Figura 4 - Página de abertura da história de Marcelle.

Afora isso, é instaurado na história um sujeito ausente que fala, dirigindo-se a heroína para ordenar-lhe um não dever fazer: “Ne te mouille pas les pieds Marcelle!”. Sobre as pedrinhas da praia, é que se vê Marcelle com os pés calçados, obedecendo, portanto, essa voz que ela deve escutar. Ela segura, à esquerda da página, a bandeira dos piratas, que é sustentada do outro lado pelo cão verticalizado como ela. A figurativização das duas personagens, Marcelle portando uma espada na cintura, enquanto o cão tem na sua um revólver, pode ser vista como o estar junto dos dois actantes na batalha e na conquista da bandeira que exibem. Esse estar conjunto é reforçado pelas tonalidades em amarelo das “roupas” que os vestem. Se continua a caveira, sendo mostrada com um sorriso seco, talvez, esse tenha origem nas asas soltas da imaginação que faz tal vitória ser apresentada enquanto um fato consumado. O tom mais concentrado do amarelo nas vestes de Marcelle anuncia que ela é a personagem principal, sendo o cão, o seu adjuvante.

Na praia, diante deles, estão dispostos para serem vistos os elementos emblemáticos das histórias de mar como, por exemplo, conchas, corda, garrafa, estrela do mar. O arranjo em semi-círculo ao redor dos heróis outorga-lhes sobre a praia uma função na narrativa.

No centro inferior, tem-se a identificação da série a que o livro pertence, Père Castor e do editor, Flammarion. Apresentada a história e suas referências, ela vai começar na página 4, sendo que na 3 são nomeadas as obras do mesmo autor e os créditos desta publicação.

MOLHAR-SE OU NÃO SE MOLHAR: MODOS (ESTILOS ?) DE VIDA?

A história tem no verbal a fala dos pais, articulada pela voz da mãe que, estereotipadamente, significa o comando, a manutenção da ordem, do estabelecido pelas regras do viver em família. Se ao pai cabe portar duas cadeiras de praia que manterão o casal confortavelmente sentado, à mãe cabe ser a portadora da sacola com a garrafa térmica. Além disso, cada um deles carrega para si objetos que os identificam pelos seus gostos e atividades: o homem porta seu cachimbo e seu jornal, enquanto a mulher o seu tricô e a térmica. São, pois, esses objetos os integrantes de suas "formas de vida" que permitem de entrada afirmar que a figuratividade dos pais de Marcelle os apresenta como sujeitos com hábitos que são os mesmos de um grande número de pessoas, portanto, hábitos que não os singularizam mas o generalizam.

Il fait beaucoup trop froid pour te baigner, Marcelle.
C'est évident.



Figura 4 - Primeira página da história da família de Marcelle que vai à praia.

Ainda do casal, que serão figurantes sem nome em todo o desenrolar da narrativa, tem-se que os seus traços fisionômicos os mostram sem qualquer vivacidade, e até permitem caracterizá-los como seres

cansados e descrentes da ocorrência de qualquer evento capaz de mudar seu quadro de vida: a praia e o descanso, assim, passam a ser ações corriqueiras, “convencionais”. Resignados, então, eles estão caminhando na praia em busca de um lugar para se instalar, acompanhados a uma certa distância pela saltitante Marcelle e pelo cão que dirige sua cabeça para o atuar da menina.

A composição dessa chegada da família à praia ganha mais significado quando, virando as demais páginas, apercebe-se que o claro colorido do azulado do céu, a extensão da praia coberta de pedrinhas que nela se distribuem, e toda lateral da cerca de madeira, serão nas páginas da esquerda reduzidos a um recorte que se estende unicamente pela zona em que se aloca as suas cadeiras, sem qualquer detalhamento do local em que a cena se passa. É notável que o mar pressuposto está alocado na mesma posição do enunciário o que me leva a perguntar se com essa topologia o enunciador não estaria também propondo ao enunciário “molhar-se ou não se molhar”.

Escolhido o lugar da parada, os pais se agitam em preparar o local (“On va s'installer ici avec nos pliants”). Alinham suas cadeiras de linhas verticais iguais em paralelas de frente para o mar que fica, então, em posição de não poder não ser visto por eles.

Contrastando com a criação da espacialidade da cena em que entraram na praia para se aproximar do mar, este estabelecer suas cadeiras no local se dá juntamente com uma anulação do fundo e uma concentração da página unicamente na imagem dos dois figurantes, e nos seus papéis de pai e mãe. As cores presentes são as que preenchem os desenhos das roupas. Cada peça tem uma cor que não se mescla com outra.

On va s'installer ici avec nos pliants.

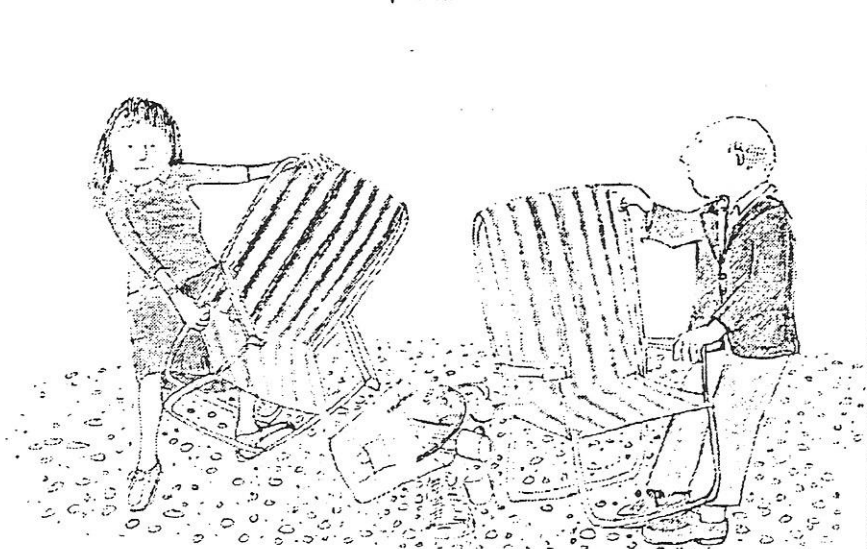


Figura 5 - Segunda página da história da família de Marcelle na praia.

Instalado, o casal parece desinteressado em olhar o que o entorna, olhar à paisagem marítima e mesmo olhar o que se passa com a menina, sobre o que ela vai ou pensa fazer nesse dia frio na praia ("Il fait beaucoup trop froid pour te baigner, Marcelle. C'est évident."). O cuidado por resguardar a saúde de Marcelle parece-me ligado ao que os pais julgam como conveniente, adequado, normal de fazer na praia num dia como o descrito. O comentário: "C'est évident" pontua essa modalização operada pela razão.

Se os pais se movem nessa órbita da racionalidade, Marcelle, parada de costa para o leitor, leva esse com ela na sua contemplação da paisagem marítima. O mundo em que ela se insere é um fragmento do mundo natural, colorido e vivo.

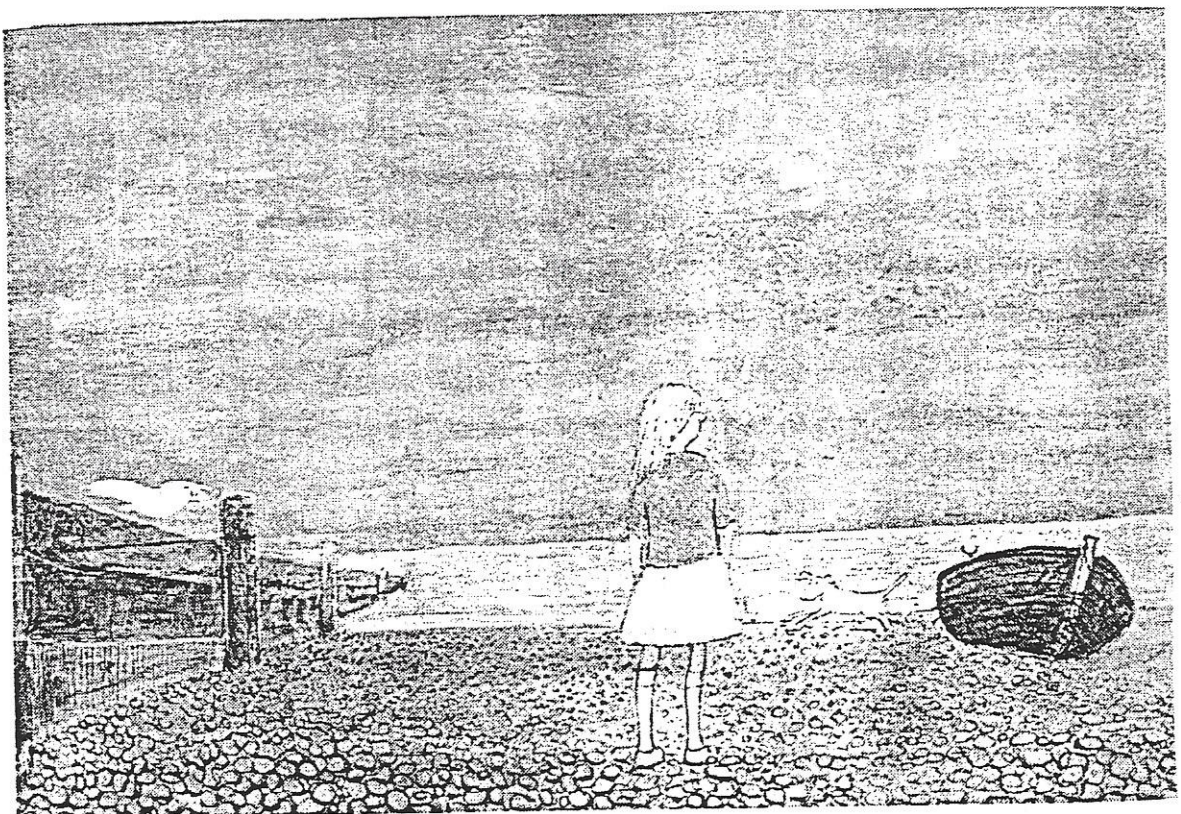


Figura 6 - Primeira página da história de Marcelle na praia.

Os pedregulhos ocre da praia, desenhados pelos contornos do nanquim, contaminam cromaticamente o mar, assim como esse é penetrado pelas cores verdes do céu. Paralelas justapostas de cores, traçadas pelo lápis de cor, formam a cromaticidade do mar que é resultante de uma reproposição visual das cores que o ladeiam na terra e no céu. Pela inclinação do corpo e da cabeça da menina, é

sugerido que ela está olhando para o barco, enquanto em torno dele o cão folgueteia e o pássaro, pousado na cerca também direciona seu olhar diretamente para ele.

Contrastam as duas páginas, no nível accional. Enquanto na página da esquerda, os pais se movimentam, instalando no cenário elementos de acréscimo a esse (os objetos de uso figurativizados pelas cadeiras), na outra página, Marcelle observa o cenário tal qual ele lhe aparece. A figuração da linha do horizonte reforça o lançar-se da personagem Marcelle na imensidão marítima e o seu querer visitá-la, molhando, então, os seus pés. Por outro lado, a perda da linha do horizonte no plano da expressão da história dos pais de Marcelle na praia homologa no plano do conteúdo a descaracterização do cenário em que os pais encontram, para dele fazer qualquer outro lugar conhecido e que por tal conhecimento prévio, dispensa que o vivenciem e o conheçam interagindo com ele. Sem sentir esse lugar, eles se apressam em fazer dele um outro, bem provavelmente, o mesmo lugar da sua casa, o que é em muito colocado pela estaticidade dominante no desenrolar dessa narrativa.

A alternância entre as performances é retomada na página dupla que se segue. O casal não se olha, apenas cada um deles tomou seu assento ladeando o outro. Eles exibem na face um riso morto, um olhar vago. Os gestos do homem são os habituais de um fumante de cachimbo. Indicam que, após a preparação do cachimbo, um ritual, o fumar, outro ritual, acompanhará a leitura do jornal, mais um outro ritual. O arranjo das cadeiras de frente para o mar, ou seja, a entrada do mar na sua órbita de visão e em todo o seu corpo, parece que não se efetiva e nada daí parece interferir nesses seus ritos, nem mesmo sensibilizá-los.

Ao lado do homem, a mulher parece fazer uma pausa. Seu corpo se descontrai pelo modo como ela está sentada. A fala materna reafirma esse estado de observação a seu modo: tanto o que se passa diante dela, quanto o que se passa com Marcelle: "Pourquoi est-ce que tu ne joues pas avec ces enfants, là-bas?" O pronom demonstrativo "ces" e o advérbio de lugar "là-bas" instauram as distâncias entre os sujeitos. O leitor, no entanto, não vê "aquelas crianças, lá", mas fica sabendo que há outras pessoas na praia e que as crianças estão posicionados ao alcance da vista da mãe.

A sugestão feita a Marcelle leva o leitor a procurar a menina no espaço englobante dos pais. Todavia, ele vai encontrá-la na página da direita, juntamente com o cão branco, remando em direção a um navio com muitas velas que se reconhece ser o mesmo do mapa cinza da página de abertura do livro.

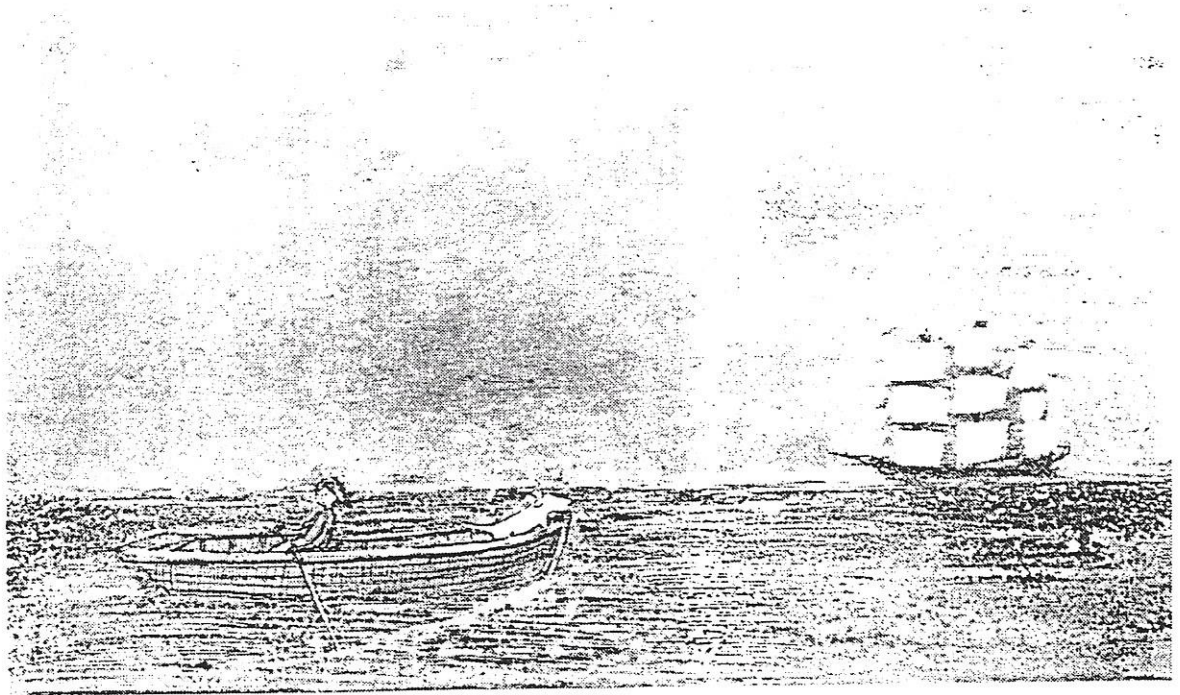


Figura 7 - Segunda página da história de Marcelle na praia.

O desenho das águas onde navega o barquinho mostra, pelas linhas traçadas sobre a aplicação de tinta líquida e lavada a fim de suavizar seus efeitos, uma paisagem dinâmica de manchas de cores azuladas. O domínio dos tons azulados, assim como a presença cortante do barco fazem supor que Marcelle encontra-se em alto mar. Do céu, dilui-se o verde precedente pelo procedimento da pintura lavada aplicado e, com a adição do branco, amarelo e azulado, o cromatismo verde, criando um outro tempo e lugar na narrativa.

Marcelle aventura-se no mar com o cão ou Marcelle está na praia ao alcance do olhar dos pais, ou mesmo ao lado deles, mas fora do recorte que o enunciador nos deixa ver na medida em que o seu olhar contrasta com o dos pais, pois ela aí está em relação direta com o mar, por meio de seus pés, molhada de observá-lo ao imaginar o seu aventurar-se por ele?

No virar a página, sem sair da cadeira, os corpos mudam somente a postura do estar sentado, e os pais continuam seguindo os seus entretenimentos: a mãe tricotando e o pai fumando ao ler o jornal.

Pourquoi est-ce que tu ne joues pas
avec ces enfants, là-bas ?



Figura 8 - Terceira página da história da família de Marcelle na praia.

O texto verbal entra em relação com o visual reafirmando certos valores: "Et surtout ne va pas salir tes belles chaussures neuves avec cet ignoble goudron!". "Sobretudo" é um advérbio enfático que particulariza de um conjunto uma parte. Não sujar os sapatos novos quer dizer nada além de que Marcelle deve estar na praia como se nela não estivesse. Sujar os sapatos, assim como molhar os pés são marcas do interagir no espaço marítimo, o que é vedado a Marcelle. A viscosidade do "goudron" é qualificada de "ignoble", ou seja, uma avaliação conceitual, um ponto de vista dos pais que reafirma como eles vêem negativamente o contacto com o circundante.

No entanto, o modo de estar de Marcelle é outro pelo menos o que se concretiza na narrativa em que ela participa. Sem qualquer preocupação com onde pisa, ela está controlando a velocidade do barco com os remos, pois acaba de chegar ao navio no qual vê-se, na direita, no alto, tremular a bandeira dos piratas. A tomada da imagem é feita da parte frontal baixa para o alto, o que ressalta o poderio da esquadra e a diminuta força de Marcelle para confrontá-los. Nota-se que o desenho simbólico da caveira, na narrativa, apresenta-se difuso, diferentemente do da capa, e do da página da abertura do livro

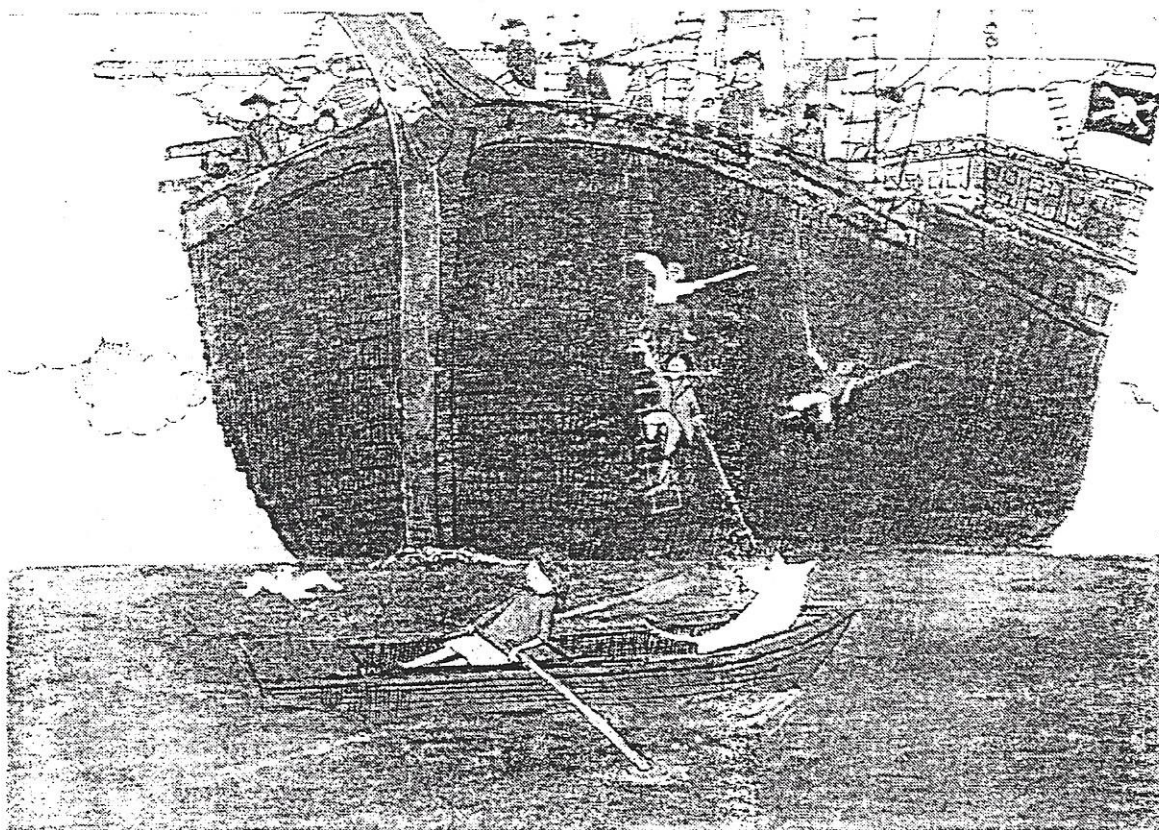


Figura 9 - Terceira página da história de Marcelle na praia.

Todavia, a sua chegada põe o navio e sua tripulação em estado de alerta. Vigilantes no convés, os marujos guerreiros empunham suas armas várias; espadas, armas de fogo. Na ponta de uma corda, um pirata enfatiza o estado de prontidão enquanto pela escada de corda dois outros descem para o enfrentamento com Marcelle, para eles, uma inimiga, um anti-sujeito.

Na página seguinte, o leitor nem dirige seu olhar para a história dos pais, a continuidade do seu desenrolar parece, sem dúvida, não modificável e a visão procura acompanhar o próximo episódio da história de Marcelle e do cão.

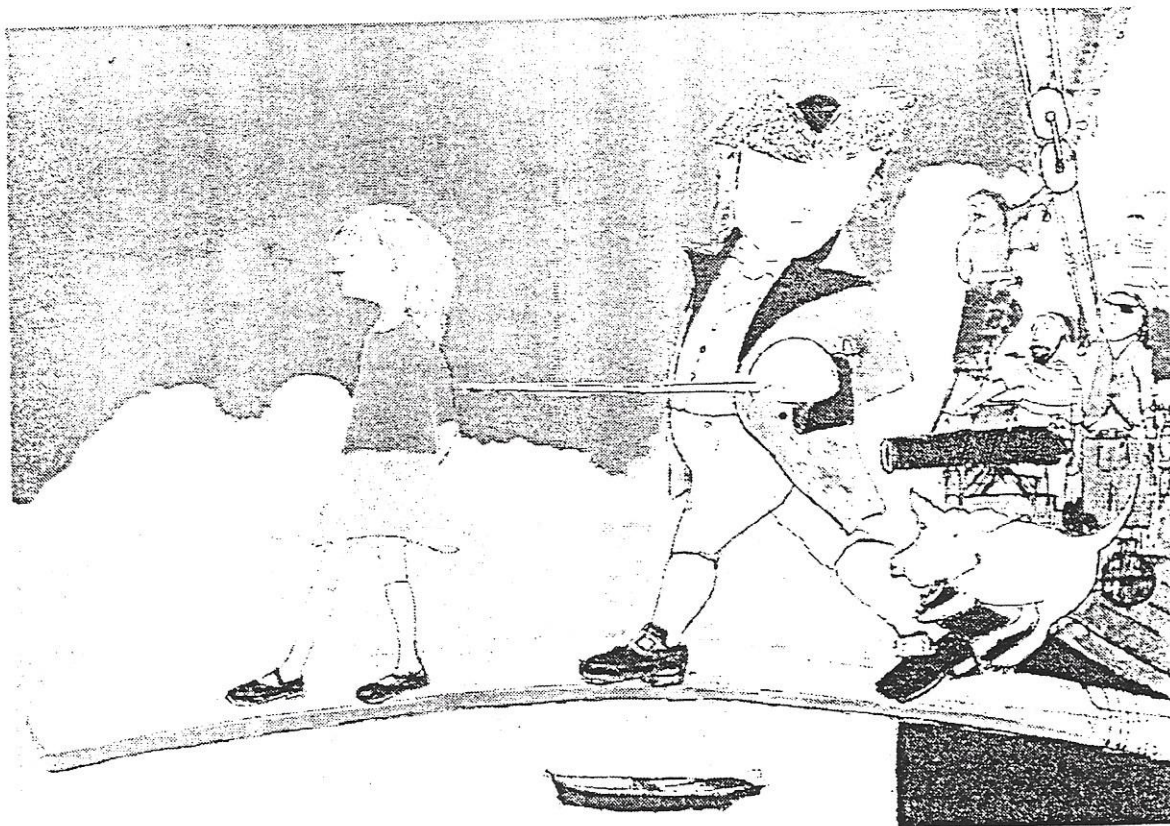


Figura 10 - Quarta página da história de Marcelle na praia.

Caminhando por uma tábua sobre o mar, a menina, na mira da ponta da espada do chefe dos piratas está para ser sancionada por sua transgressão, sob a observação de todos os marujos. O que vai confirmar, mais adiante, a sua posição de anti-sujeito.. O cão reage e morde a barriga da perna do chefe, assumindo sua posição de adjuvante da menina. Os procedimentos de criação dessa imagem fazem uso do lápis de cor para delinear o verde do mar, o ocre da tábua, enquanto a tinta e o pincel são usados para colorir chapadamente as nuvens brancas da linha do horizonte e o céu azul. Pelas técnicas empregadas, céu e terra separam-se distintamente. Não se vira a página, no entanto, sem um lançar os olhos pela página dos pais.

Ne caresse pas ce chien, Marcelle :
on ne sait pas d'où il sort.

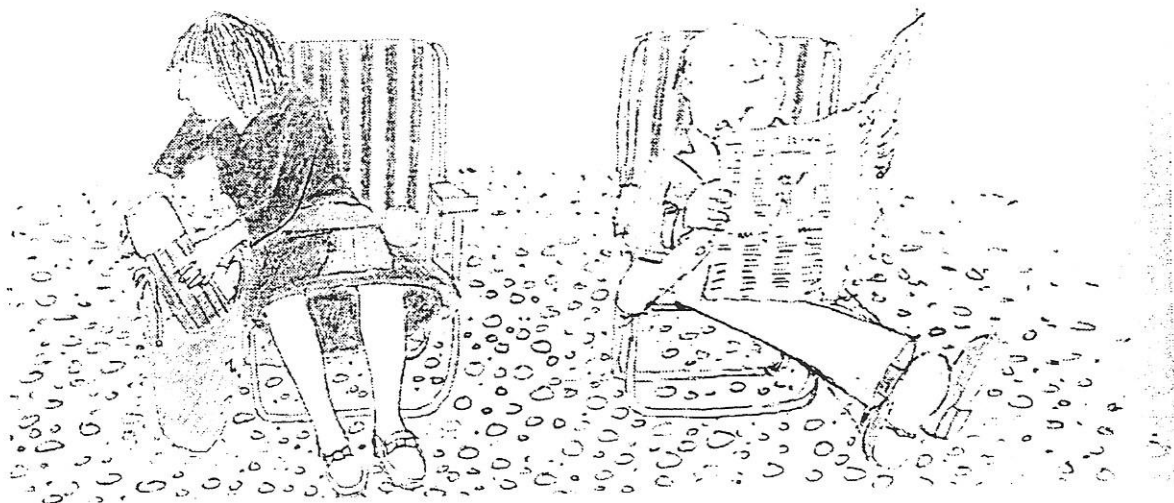


Figura 11 - Quarta página da história família de Marcelle na praia.

Supreende-se o leitor, não com o que fazem os pais, pois como foi hipotetizado eles continuam suas atividades, diferenciando-se somente a mãe, que está para abrir a térmica. A surpresa advém do verbal com a fala da mãe: "Ne caresse pas ce chien, Marcelle: on ne sait pas d'où il sort". Se a mãe vê Marcelle acariciando o cão branco desconhecido e a repreende, como é que a menina pode estar na sua história em perigo e prestes a pagar com a vida pela sua aventura? De certo modo, o visual "traí" o verbal. Parece que o cão é da família, pois ele aparece na entrada dessa na praia, no entanto, o verbal esclarece agora que ele não é

No entanto, ao virar a página seguinte, essa hipótese do absurdo da história de Marcelle logo é esquecida, pois o leitor é surpreendido por uma reversão total da história e Marcelle está duelando com os piratas que abate assim como seus aliados cão e pássaro fazem a sua parte no violento combate-surpresa.

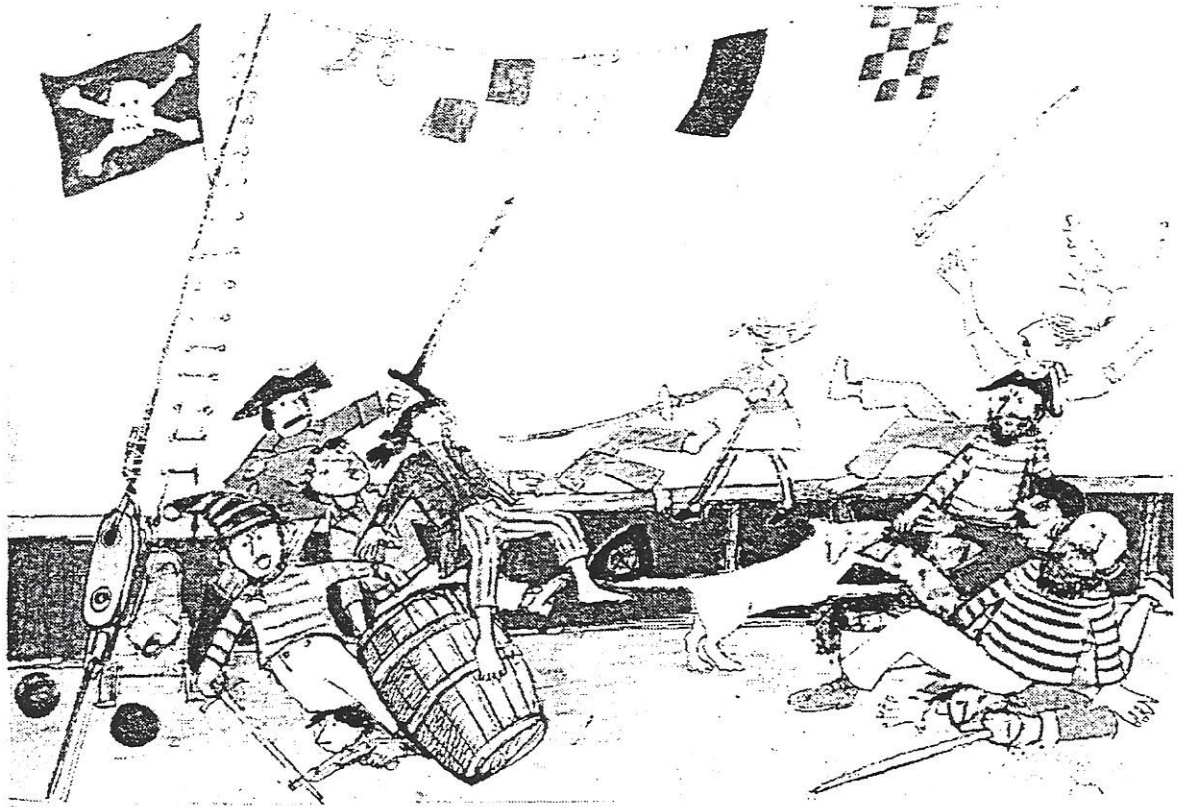


Figura 12 - Quinta página da história de Marcelle na praia.

Mas, a mãe, dirigindo-se para Marcelle, lança de novo o leitor em considerações sobre a hipótese previamente elaborada. "Pour la troisième et dernière fois, Marcelle, je te demande si tu veux boire" é uma fala que faz o leitor pensar que a menina pode estar seguramente na praia, perdida em seu devaneio. Que as páginas de sua história não passam de visualização do que ela imagina.

Pour la troisième et dernière fois, Marcelle,
je te demande si tu veux boire.



Figura 13 - Quinta página da história da família de Marcelle na praia.

Vê-se, assim, pela polêmica instaurada pela localização de Marcelle (praia ou alto mar) que a história da página esquerda, a narrativa da família de Marcelle na praia, passa a ganhar o interesse do leitor, uma vez que ela pode desfazer as dúvidas. Parece ser desse modo que o enunciador entrelaça o mundo da página branca e o mundo da página colorida, justamente quando parece que todo o céu transmuda-se em branco na história pintada de Marcelle. Embora engatilhadas, as duas páginas são lidas, todavia, ainda enquanto dois universos narrativos

Marcelle sonha ou concretiza essas ações guerreiras? Como, pela sua imaginação, ela está onde é impedida de estar? É possível este impedimento, esse regulamentar o vôo da mente?

Méfie-toi en lançant ces cailloux.
Tu pourrais blesser quelqu'un.

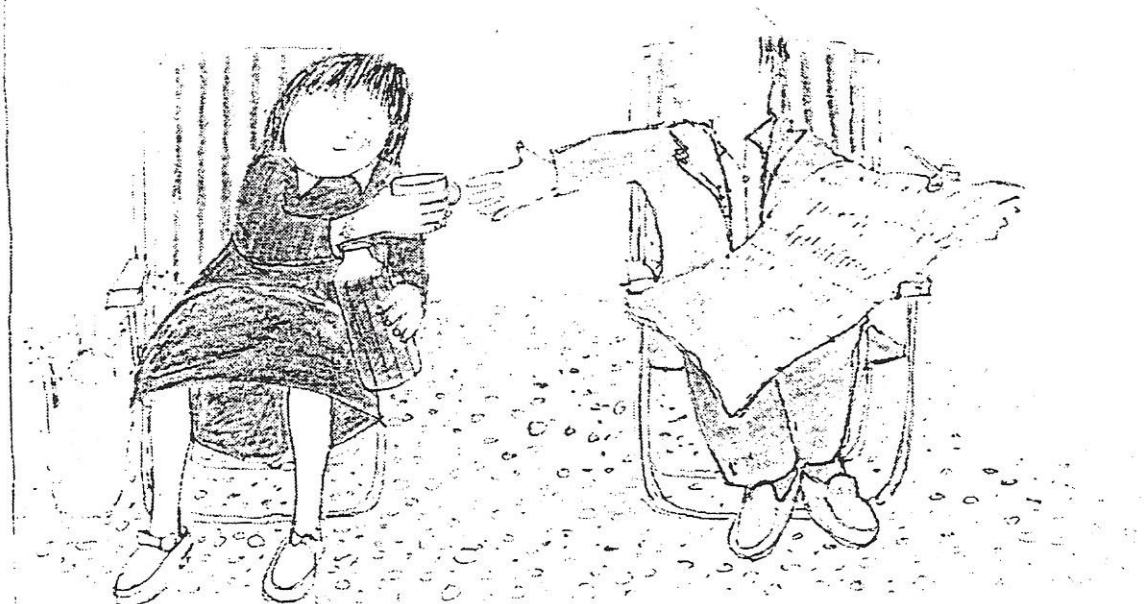


Figura 14 - Sexta página da história da família de Marcelle na praia.

Não, não há impedimento e nem modos de limitar a imaginação aberta. A fala “Méfie-toi en lançant ces cailloux. Tu pourrais blesser quelqu'un” mostra que, sem sair do alcance dos olhos dos pais, Marcelle está batalhando contra os que pirateiam o seu viver, está atacando os que obstruem o seu percurso de molhar os pés, tanto que escapa da luta no convés, mergulhando nas águas para reapossar-se do seu barco. E, nessa fuga, dois objetos de valor dos piratas são apropriados: a bandeira e um mapa. Isso confirma sua atuação enquanto anti-sujeito dos homens do mar.

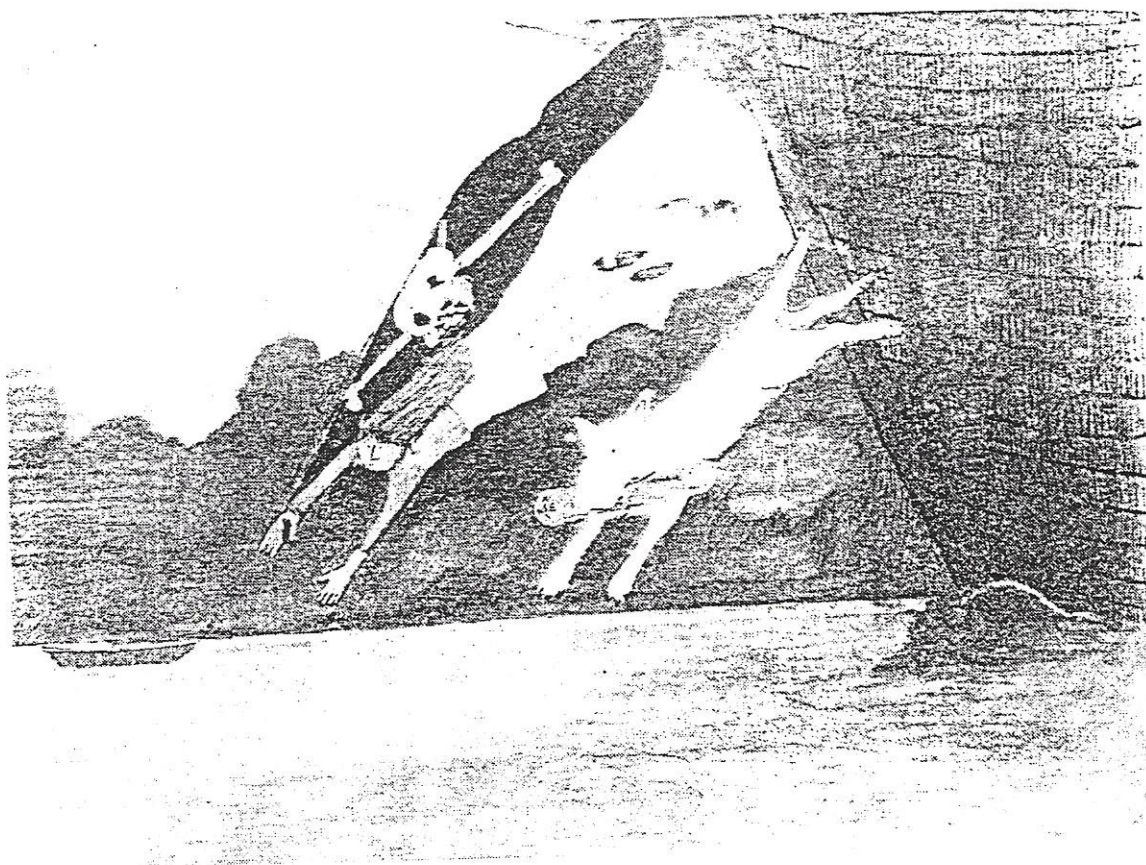


Figura 15 - Quinta página da história de Marcelle na praia.

Sob as nuvens escuras que dão ao céu, ora pelo traçado colorido do lápis de cor, ora pelo das pinceladas fechadas e uniformizantes, a incerteza da situação é marcada. Mas o sol que, desde o início vestiu Marcelle, sobrelança-se entre as nuvens, impondo a irradiação dos seus raios de luz.

Nesse entretempo, no canto dos pais, continua a leitura, o beber o líquido da garrafa térmica e as recomendações lamuriantes da mãe: "J'espère que tu ne ramèneras pas ces algues puantes à la maison, n'est-ce pas, Marcelle?"

J'espère que tu ne ramèneras pas ces algues puantes
à la maison, n'est-ce pas, Marcelle ?

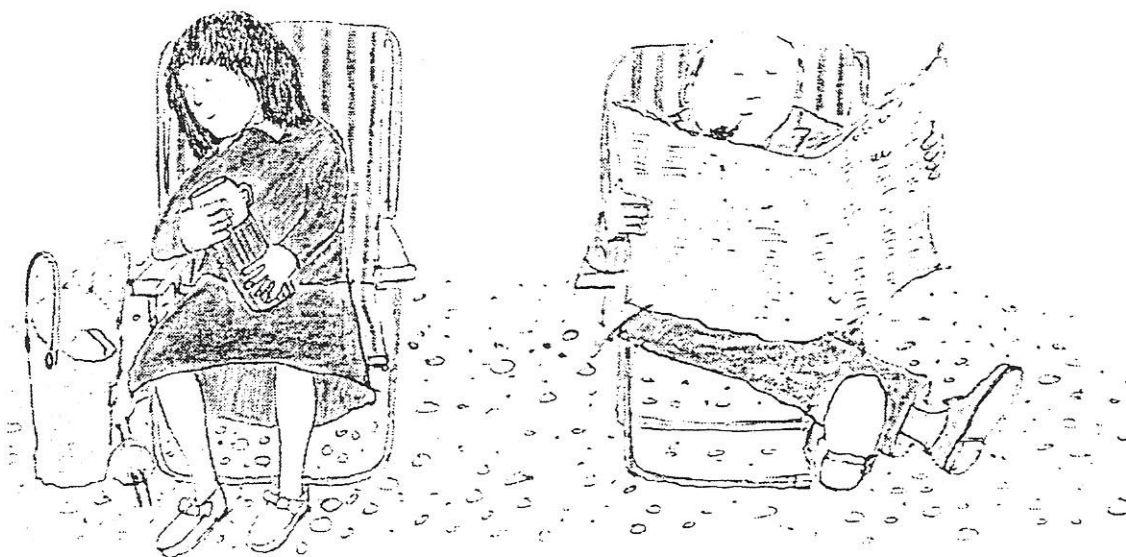


Figura 16 - Sétima página da história da família de Marcelle na praia.

Não resta mais qualquer dúvida ao leitor: Marcelle está e sempre esteve na praia e é por sua imaginação livre que a sua narrativa enquanto heroína se faz. Assim, é o texto verbal que interconecta as duas histórias encenadas no discurso imagético e articula, nesse, as estruturas semio-narrativas que são postas em contraste em cada uma das narrativas visuais. A história dos pais, num dia frio passado na praia, desenrola-se sobre o fundo branco, um não lugar, todo e qualquer lugar, como já foi assinalado. A história de Marcelle segue o cromatismo e suas variações, que assinalam o tom da vibração narrativa na medida em que cada imagem pontua um ápice do desenrolar das ações de uma seqüência. Não se segue passo a passo a história, mas só os seus momentos de suspense que guardam neles o que antecede e também o seu desenrolar posterior.

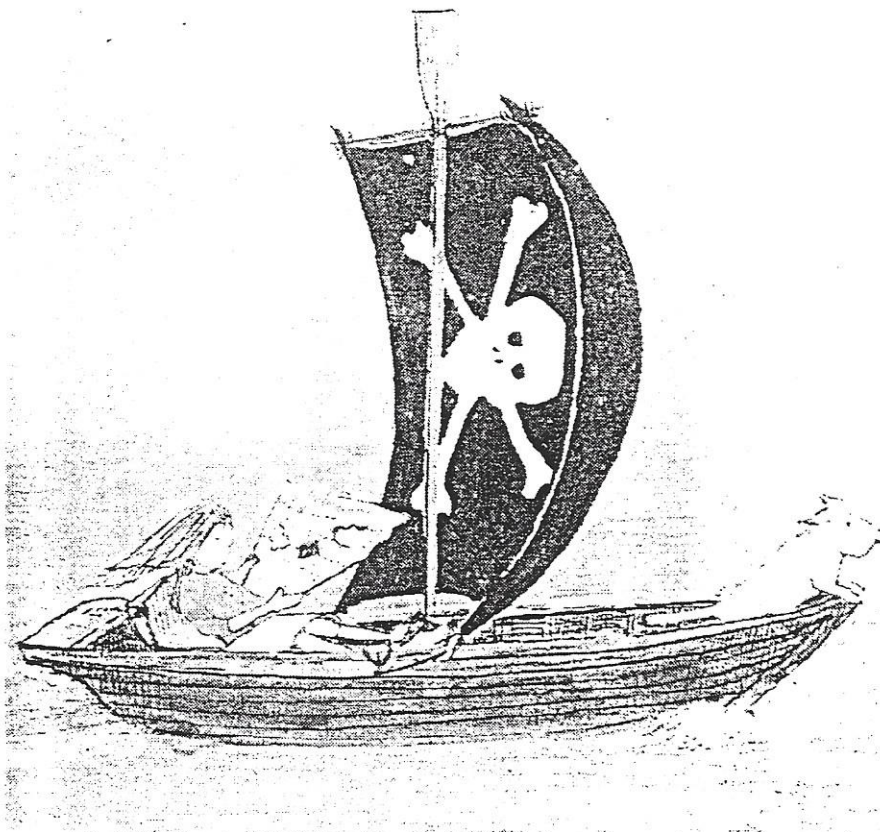


Figura 17 - Sexta página da história de Marcelle na praia.

Após a conquista, um amarelo laranja do sol irradia uma luminosidade esplendorosa: na parte do alto da imagem, essa cor tem continuidade na vestimenta da parte superior de Marcelle, uma cor mais laranja. Na parte inferior da imagem, como a saia de Marcelle, a cor é mais amarela. O cão atento vai na proa, de onde olha fixamente para um ponto à sua frente. Por seu lado, a menina estica as pernas, alonga o corpo em repouso, enquanto concentra-se na leitura do mapa conquistado, esse também destacando, na superfície de sua cor branca, detalhes em amarelo. O barco navega sozinho e a vela é a bandeira da conquista com as suas cores preto e branco bem salientadas. Há nessa imagem, um suspense armado pelo indagar a que lugar o mapa levará os heróis? Se o suspense volta a animar o leitor a dar continuidade à leitura da história de aventura para seguir os lances seguintes, aumenta-se a previsibilidade das seqüências da história do casal, que, pela monotonia, pelo desenrolar do mesmo na continuidade, acabam adormecendo de fato. O que já se concretiza na página seguinte.

Ton père pourrait jouer avec toi
quand il aura fait une petite sieste.

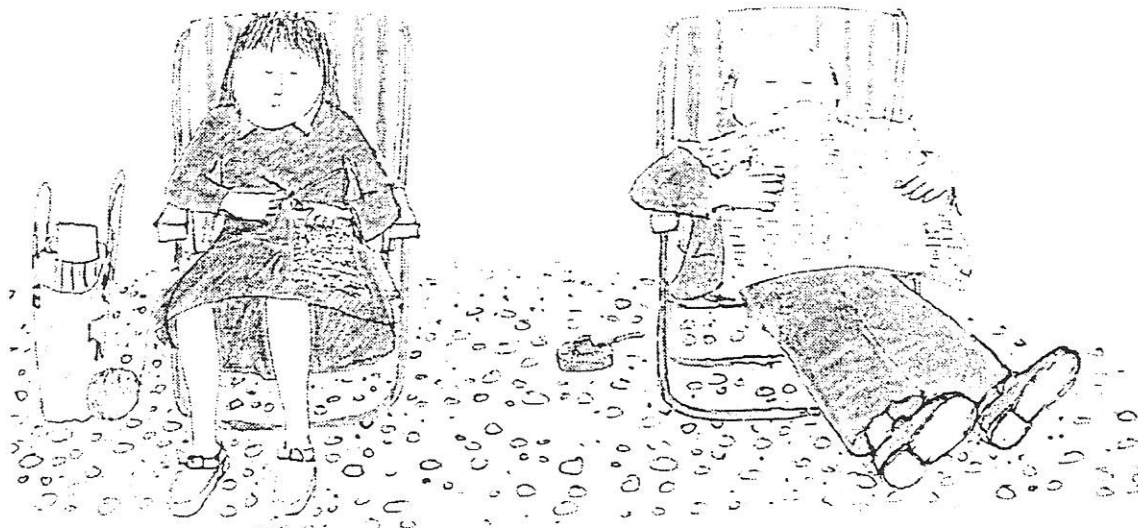


Figura 18 - Oitava página da história da família de Marcelle na praia.

Enquanto o tricô da mãe só aumenta de tamanho, o pai está cochilando, com o cachimbo e o jornal em repouso. Tudo indica o seu afastamento de vez não só do aqui e agora à beira mar, do seu relacionamento interpessoal com a mulher, com a filha e com outros seres, mas também do mundo que as notícias do jornal propõe como um contexto em que ele se insere.

O texto verbal levanta uma sugestão, uma possibilidade de futuro, que, pelo modo de sua proposição, pode-se adivinhar sem esforço que permanecerá como uma sugestão: "Ton père pourrait jouer avec toi quand il aura fait une petite sieste".

Em contraste, Marcelle está em atividade total. Ela, com a pá em punho, o cão, usando os seus membros posteriores e anteriores, cujo desenho mostra que eles estão desenterrando um baú, provavelmente que acharam por seguir as indicações do mapa espoliado dos piratas.

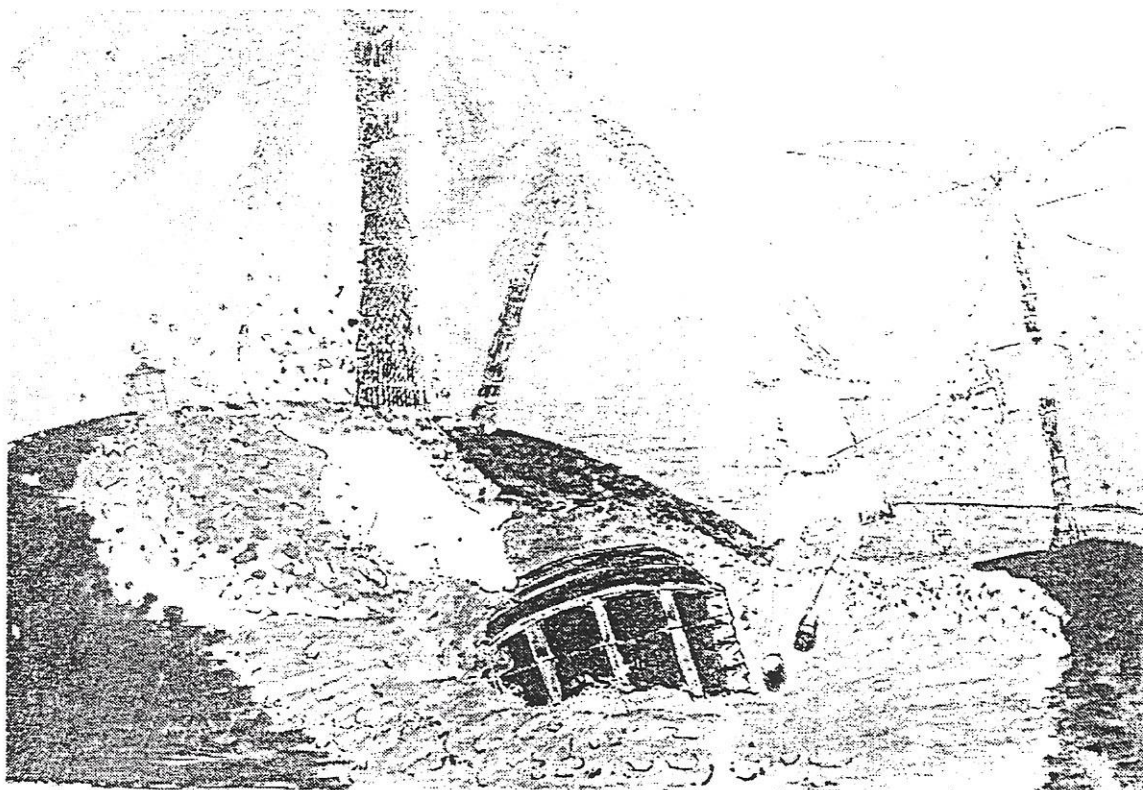


Figura 19 - Sétima página da história de Marcelle na praia.

Dando continuidade ao seu ir e vir com as agulhas, a mãe alerta que as horas passam: "Nous devrions bientot rentrer" que mais parece uma faia para si mesmo, uma vez que o marido dorme e Marcelle não se faz visível na cena.

Na narrativa da menina, ocorre a premiação de sua busca. Como qualquer tesouro, esse, ao ser aberto, oferta moedas de ouro, jóias diversas, uma espada e uma coroa que Marcelle sustenta com as duas mãos. O que ela encontra absolutamente não tem a força de surpreender o leitor, ao contrário os objetos do tesouro só podiam ser estes.

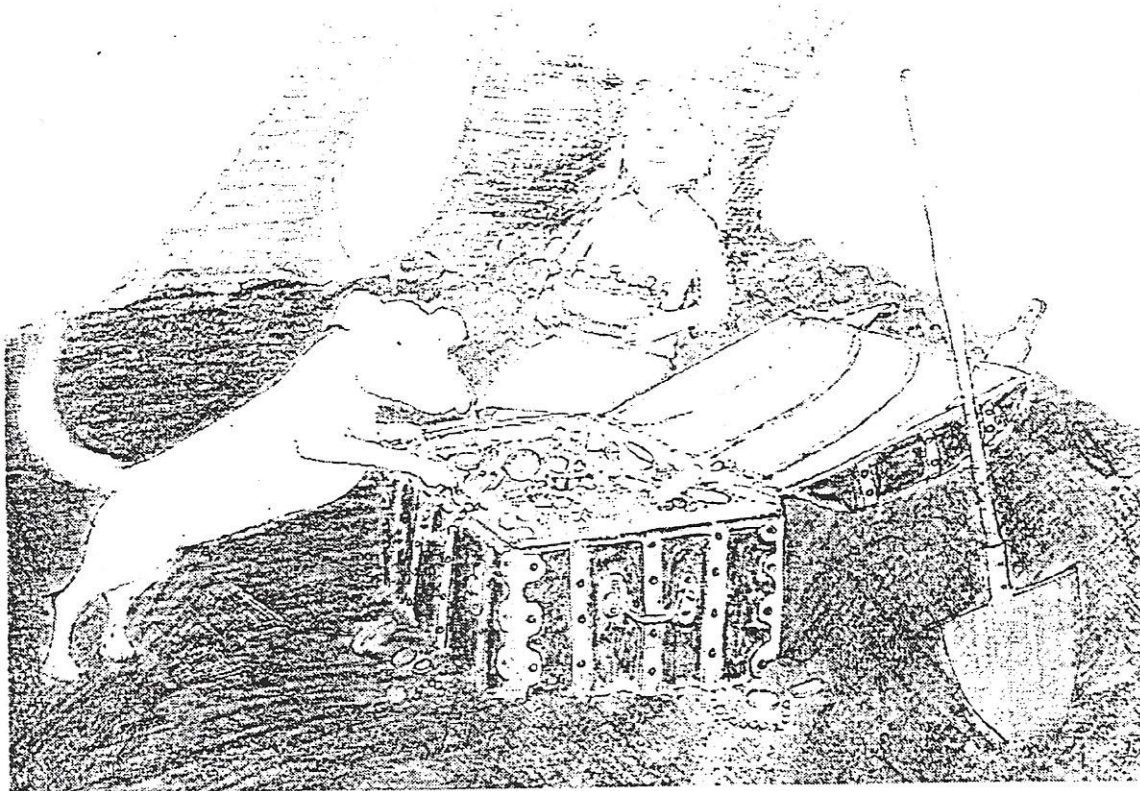


Figura 20 - Oitava página da história de Marcelle na praia.

A imaginação de Marcelle, que se mostra a todo tempo motivada pelas velhas histórias de piratas, estabelece com elas uma intertextualidade: a recompensa dos bons dada pelo encontro de tesouros, que, por gerações encontravam-se escondidos em ilha desertas. Pode-se pensar que o universo de conhecimento de Marcelle sobre narrativas é da ordem do senso comum: qual criança, desde que os navios cortam os mares e são por outros pilhados, não brincou com a fantasia de viver uma aventura como essa?

Todavia, Marcelle, considerando todos os papéis previamente determinados nesse tipo de história de pirataria, outorga a ela o papel de usurpadora dos valores (mapa, tesouro) dos piratas, que se concretiza quando ela consegue usufruir da sua atuação. Desse modo, a coroa que ela tem nas mãos é a sanção pela sua conquista do tesouro, mas também por ter-se posto a viver tal aventura. Assim, a história comum tem ingredientes novos e Marcelle será por ela própria coroada pela sua vitória em sonho por romper com sua mesmice do cotidiano.

No quadro das previsibilidades, na narrativa do casal, também a mãe acaba cochilando na sua cadeira. Ao acordar assustada, ela desperta o pai, tocando-o com a sua mão no braço e dizendo-lhe: "Bonté divine! Regarde l'heure qu'il est! On va se mettre en retard, si on ne se dépêche pas."

Bonté divine ! Regarde l'heure qu'il est !
On va se mettre en retard, si on ne se dépêche pas.

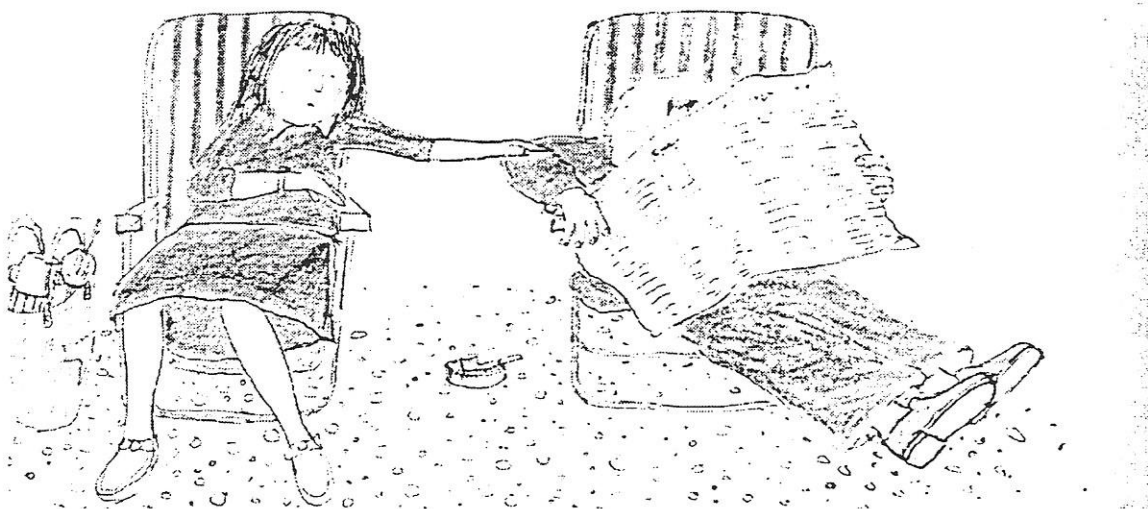


Figura 21 - Nona página da história da família de Marcelle na praia.

Todavia, Marcelle coroada e iluminada pela lua, e seu cão estão retornando para a praia no escuro da noite, que o guache concretiza numa matéria densa e compacta, mostrando também que, ao ser posto em excesso, como na segunda aplicação na faixa inferior figurativizando o mar, seu uso acaba criando um efeito de superfície quebradiça que deixa nos seus vazios aparecer a cor do fundo. A postura dos dois heróis é de término da aventura e eles se deixam admirar pelos seus feitos, que o reflexo da lua nas águas continua a assinalar que é o mar o fértil germe dessa narrativa.

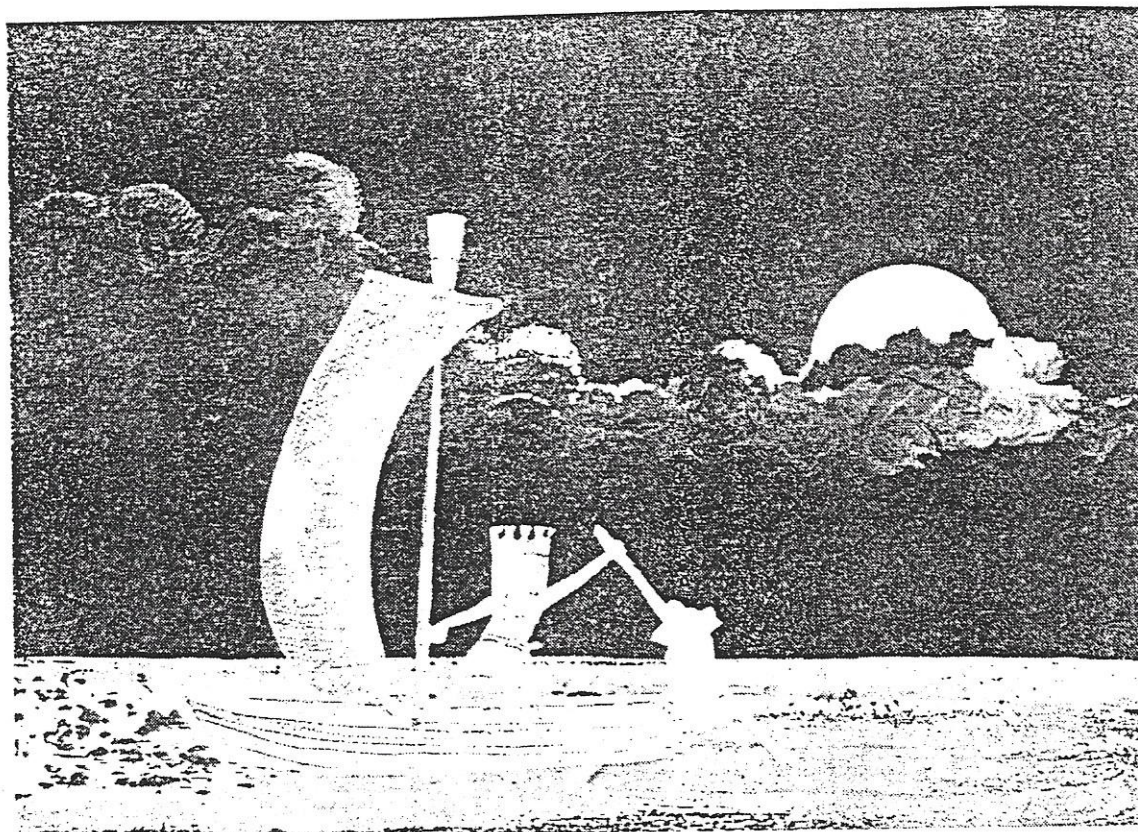


Figura 22 - Nona página da história de Marcelle na praia.

Guiada pelo cotidiano, regrada pelos hábitos instaurados pelas ações repetitivas dos pais, Marcelle, mesmo assim, encontrou uma possível vazão no rame-rame aparentemente sem "escapatórias". A pose da heroína celebra, então, um molhar-se sem se molhar, conforme era a ordem título. O mar, sem dúvida, foi sentido sinestesicamente e foi ele que desencadeou a descontinuidade do conhecido, a dissolução do fazer já previsto. Marcelle celebra sua coroação numa história repetida de pirataria, onde o que de mais significativa pirateia é o vaguear do mar que a impulsiona a viver todo e qualquer instante de vida existente. Seria bem a celebração do "petit peu d'inattendu dans le presque-rien de nouveau de 'chaque matin'", que, retomando Eric Landowski², faz Marcelle encontrar a re-significação do seu existir na mesma praia. Essa alteridade de onde provém o inesperado não está, pois, numa "outra ilha", mas nessa mesma de onde ela jamais saiu e através da qual aprendeu aí estar e ser, instaurando, dessa maneira, um modo de vida, o seu modo de vida.

² E. Landowski, "Pour l'habitude", in *Caderno de Discussão do IV Colóquio do Centro de Pesquisas sociosemióticas*, São Paulo, 1998, p.161.

Esse modo de vida para continuar existindo e ser valorado exige um público para o qual ele tenha visibilidade. Na medida em que essa constituição instala na sua organização um observador para observá-la em seu construir-se é que os leitores podem acompanhar tal processamento de socialização sendo operado.

Ainda, a identidade da heroína obscurecida na vida da menina no seu meio para sobressair-se exigiu uma operação que a levou à sua marginalidade. Sua exclusão do todo família é que se observa como meio para um encontro com a sua face, uma mínima mas significativa diferença na repetição que, todavia, é preciso circular como um valor para outras meninas, futuras heroínas. Para ela mesma essa circulação é imprescindível pois o que a define é a sua continuidade processual que é o seu próprio sentido enquanto direção e significado.

PRAXIS ENUNCIATIVA E AS PROPOSIÇÕES VIVENCIAIS

As múltiplas técnicas empregadas na elaboração da visibilidade das páginas da história imaginada por Marcelle: o lápis de cor, o lápis de aquarela, o guache, o nanquim, a água aplicada sobre as matérias para lavá-las, o guache aplicado sobre si mesmo, que, ao fazê-lo, produz um relevo, que faz com que ele se torne uma matéria quebradiça na incapacidade de sua própria sustentação; são todos procedimentos a que a criança está desde cedo hoje exposta na escola e também no contacto com as imagens que a cercam. Assim parece-me que há nessas combinatórias uma estratégia do enunciador dirigida aos seus leitores crianças. Fazendo uso do que a criança sabe fazer e conhece as técnicas de elaboração, o enunciador dessa história quer fazer ver tais imagens como imagens críveis, e a transformação de cada face anônima do leitor em uma singular, uma possibilidade que é ofertada então não só a Marcelle.

Ao contrário, o desenho a nanquim por si só exige mais domínio técnico. Afora a gestualidade que tem variações, há um congelamento da imagem para que ela seja vista em sua estaticidade. No grafismo, a história é organizada a partir de uma mesma cena – aquela que é ordenada na montagem do cenário da chegada na praia com as duas cadeiras e, depois, num mundo branco, sem linha do horizonte, a cena é um enunciado de estado que passa por movimentações mínimas que não alternam em nada sua armação inicial no plano e frontal ao leitor. O enunciador tira dessas imagens o suspense o que o mesmo cromatismo enfatiza: a sua imutabilidade.

Na história pintada, a linha do horizonte impõe diferentes focos na medida em que se é levado a ver a cena em panorâmica, na frontalidade, em zoom, em diagonal que leva o olhar ao fundo e o traz de volta ao primeiro plano. Ainda, pelo cromatismo, a cena impõe variações de penetração sensível, mutante página a página. Pode-se concluir que esses modos de construção já especificados no plano da expressão ao serem homologados - homologação que não se faz termo a termo mas por um conjunto de traços enlaçados em categorias que são apreendidas nas combinatórias plásticas da manifestação textual - no plano do conteúdo

acabam por essa expressão constituírem uma forma de fazer ver a história de Marcelle na praia, sentindo-a e viveciando-a.

Importante, ainda no trabalho com esse texto sincrético é que ele aponta caminhos metodológicos aos estudiosos do sincretismo das linguagens na medida em que os engendramentos das linguagens verbal e visual, ora geram efeitos de sentido aprendidos numa linguagem, ora em outra sem nenhuma regra fixa desse funcionamento operatório. Por esse modo de manifestação dos efeitos do sentido são justamente as aparições significativas que constituem o eixo de análise do semiótico e não a análise em separado de cada uma das linguagens que entra na construção do texto. É um fazer junto das linguagens que exige ser tratado em seu hibridismo.



Figura 23 - Décima página da história da família de Marcelle na praia.

Pode-se virar a última página do livro e ver a família que parte junta. Marcelle está de mãos dadas com a mãe. Como na chegada da família na praia, a cor azulada e o ocre dos pedregulhos e da areia voltam a aparecer na sua partida. Olhando essa imagem, nota-se que a cor tem agora mais vivacidade do que na

situação-inicial. Os três, de costas para o leitor caminhando para o seu dia-a-dia habitual, enunciam que há o inédito no repetido e desgastado, que "cada nova manhã" significa uma "outra" manhã e uma outra, outra, sempre outra na sua seriação de diferenças e repetições.